

TEL: (31) 2101-3919
FAX: (31) 2101-3950
Editor: Carla Chet
carla.chet@otempo.com.br
e-mail: brasil@otempo.com.br

Atendimento ao assinante: 2101-3838

Calor cancela julgamento

O júri do ex-PM Cláudio José da Fonseca, acusado de matar um peruero em 2001, foi cancelado por causa do calor, após cerca de dez horas de julgamento. A dispensa dos sete jurados aconteceu depois da meia-noite, na fase de debates. Um novo julgamento deverá ser marcado.

Militar sem tarefa doméstica

A Justiça Federal de Santa Maria (RS) determinou que as Forças Armadas deixem de usar militares subalternos em tarefas domésticas como as de cozinhar, limpar, arrumar e executar serviços gerais nas residências de oficiais superiores como generais, coronéis e tenentes-coronéis.

Saúde mental. País não tem estrutura para atender a demanda e vive "apagão psiquiátrico", alerta médico

No Brasil, 200 mil entram em crise esquizofrênica por ano

Ministério alega que há 2.046 unidades de atendimento, mas nem todas são 24 horas

LITZA MATTOS

A esquizofrenia é uma doença mental grave e crônica com incidência de 0,8% a 1,2% da população mundial. No Brasil, são cerca de 2 milhões de pessoas – o que equivale quase à população de Belo Horizonte. A cada ano, 7% desses pacientes – quase 200 mil pessoas – têm crise e colocam em risco a própria vida ou de seus familiares.

O alerta é feito pelo presidente da Associação Brasileira de Psiquiatria, Antônio Geraldo da Silva. O especialista reclama da falta de serviço público e de leitos adequados para atender essa parcela dos pacientes. Sem ter como e onde tratar seus parentes, familiares fazem coro à reclamação e temem por mais casos como o do assassinato do cineasta Eduardo Coutinho, que foi morto a facadas pelo filho que tem esquizofrenia, durante uma crise, no domingo.

Para Silva, o Brasil vive um "apagão psiquiátrico". "A internação só é indicada nos casos de risco à vida do paciente ou da família, mas fecharam os leitos hospitalares públicos e não há

alternativa. Os pacientes estão virando moradores de rua. Hoje, 12% da população carcerária é de doentes mentais, mas as prisões não podem se tornar os novos manicômios", afirma.

O psiquiatra reforça que não existe relação entre violência e esquizofrenia e que, nos pacientes medicados, os casos de crise são raros. Ele alerta, no entanto, que "o paciente não tratado pode, sim, ser perigoso, porque está fora da realidade, tendo alucinações e delírios".

O Ministério da Saúde não informou quantos leitos hospitalares são destinados a pacientes com transtornos mentais. No país, de acordo com a pasta, há 2.046 Centros de Atenção Psicossocial (Caps) – nem todos funcionam 24 horas.

O ministério alegou que, a partir de 2003, mudou o foco da hospitalização como única possibilidade de tratamento às pessoas com transtornos mentais e dependentes químicos, mas ressaltou que as verbas não diminuíram. "De 2002 a 2013, o orçamento aumentou quase 200%, saltando de R\$ 620 milhões para R\$ 1,8 bilhão ao ano", informou por meio de nota.

Minas Gerais, segundo a Secretaria de Estado da Saúde, possui 236 unidades de serviços como os Caps e 2.709 leitos de saúde mental em hospitais gerais, com



Alternativa. A professora Maione Rodrigues e a filha Manoela estão à frente da Casa Hollos, em BH

perspectiva de mais 569 até o fim deste ano. Em Belo Horizonte, de acordo com a Secretaria Municipal de Saúde, a rede com suporte em tempo integral atende, em média, 75 pacientes permanentes e 650 novos casos por mês. Duas unidades dos Centros de Referência em Saúde Mental, Álcool e Outras Drogas (Cersam-AD) estão em construção e devem ficar prontas ainda neste ano, informou a assessoria.

Alternativa Com casos na família, professora fundou moradia assistida

Depois de sofrer com a doença do irmão e do filho, a professora Maione Batista, 57, resolveu oferecer um serviço de moradia assistida para esquizofrênicos em Belo Horizonte usando recursos próprios. "Meu irmão se suicidou e meu filho já fez tentativas de acabar com a gente. Ele ficava 15 dias internado, depois vinha para a casa, parava de tomar o remédio, saía pra rua e mexia com drogas, aí surtava e a gente chamava a polícia e ficava assim... Isso não é vida, e percebi que ou ele acabava com a minha vida ou eu com a dele", conta.

Maione explica que a desospitalização começou na Itália, mas que o país já voltou atrás. "Os remédios abai-xam a agressividade, mas não diminuem o delírio, que é constante. Eles são bonzinhos e legais com estranhos porque estão medicados, mas é impossível levar uma

vida normal", acredita.

A Casa Hollos, que fica na Pampulha, funciona hoje com sete profissionais da área da saúde, além de funcionários como segurança e cuidadores, e possui 20 pacientes. "A proposta é melhorar a qualidade de vida deles, com atividades terapêuticas de manhã e à tarde, como aulas de música, pintura e educação física para ocupar o tempo".

Depois de 20 anos cuidando de pessoas com esse transtorno, a professora percebeu que os casos de violência são comuns. "Por aqui, já passaram mais de 50 pessoas e todos atentam contra alguém da família e, por isso, é necessário criar mais lugares como esse. A qualidade de vida da minha família é outra. Hoje sou uma pessoa alegre, fiz faculdade, trabalho, viajo e ele também nunca mais teve que se internar em hospital", afirma. (LM)

Minientrevista

Leonardo Marinho

Espec. em direito penal
CONSELHEIRO DA OAB-MG

"O direito e a medicina precisam dialogar"

Quais as dificuldades para lidar com um doente mental que comete um crime?
Esse é um problema de dupla dificuldade, tanto para a medicina como para o direito, e cujas áreas precisam tentar, juntas, encontrar a melhor solução, no sentido de criar regras para as interações, além de o Estado ampliar as condições de tratamento.

Mas o paciente ou a família podem ser responsabilizados? Não, mas em cada caso deve ser analisado se, no momento do ato, a pessoa tinha condições de avaliar o que é lícito e ilícito e de conseguir se comportar conforme o comportamento lícito. Já no caso da família, a situação também é complexa, porque ela tem responsabilidade, mas não é possível parar a vida e ficar 24 horas por dia cuidando do familiar e com 100% de atenção.

Mesmo em tratamento, essas pessoas são capazes de colocar em risco a vida de outras pessoas? Sim, quando se constata que alguns pacientes podem simular que estavam em tratamento e tomando os medicamentos. O problema não é o tratamento, pois, se o paciente estiver seguindo as orientações médicas, a possibilidade de controle é muito grande. O problema ocorre, principalmente, quando não se segue a medicação. (LM)

ESQUIZOFRENIA

O que é?

A esquizofrenia é uma doença mental grave e crônica, que se enquadra no grupo das psicoses

Sintomas

Se caracteriza pela perda do contato com a realidade, delírios, alucinações e falta de controle sobre os pensamentos. Primeiros sintomas começam a aparecer entre os 15 e 25 anos de idade e é mais comum em homens

Diagnóstico

Não envolve exames e é eminentemente clínico, por meio de uma entrevista psiquiátrica



Incidência

Atinge de 0,8% a 1,2% da população mundial, o que no Brasil significa cerca de 2 milhões de pessoas

Tratamento

Quanto mais precocemente começar o tratamento com antipsicóticos, melhor. Geralmente é feito com uso de medicação contínua

EDITORIA DE ARTE / O TEMPO

Sonho realizado

De tanto se cobrar um lugar melhor para o filho, ela chegou a uma pergunta decisiva que iria mudar sua vida e a de Djalma. "Por que não montar uma casa? Fui, então, para o Sebrae, em São Paulo, fazer o curso de empreendedorismo, porque achava que montar uma empresa era uma coisa do outro mundo. Descobri que era simples e montei o projeto, com o Sebrae, para uma casa com 40 pacientes, pois na época desconhecia que só podia manter 12, se não quisesse me transformar em clínica", conta.

Havia um porém: Maione não tinha mais dinheiro. "Juntei minhas coisas e vim para Belo Horizonte com o projeto debaixo do braço. Procurei parceiros, como o psiquiatra Múcio Greco, da extinta Casa Freud, que me deu muitas dicas boas, mas nossa parceira não vingou. Em dezembro de 2006, com o dinheiro da venda da fazenda da minha mãe, consegui montar a Casa Hollos, na Região da Pampulha, exatamente como nos meus sonhos."

Quem visita a casa pode perceber algo diferente no tratamento dos esquizofrênicos, que tem como objetivo principal espaçar o surto e dar qualidade de vida e alegria aos internos. Na Casa de Maione, eles nadam, escutam música, assistem tevê e fazem arte. São quartos duplos e triplos e algumas regras devem ser obedecidas, como dentro de qualquer família. Cada um chega com o próprio psiquiatra e já medicado. São dois psicólogos, três terapeutas ocupacionais, enfermeiras, uma cozinheira e um professor de educação física, que faz caminhadas com todos na orla da Lagoa da Pampulha, com a mensalidade a partir de R\$ 3 mil.

Há seis meses, Djalma não entra em surto psicótico e exibe os quadros que pintou com muito talento. Joga futebol, peteca e faz parte das oficinas de argila, velas, sabonetes e bombons. Dorme no

quarto junto com Paulo Estêvão, de 51 anos, que chegou à Hollos depois de viver em hospitais psiquiátricos públicos e privados. "A família dele só pagou uma semana, com medo de dar o dinheiro da mensalidade e de perdê-lo, se ele não gostasse do lugar. Paulo não só gostou como não quer mais sair e diz que a casa é um pedacinho do paraíso e que Maione é como se fosse sua irmã. "Não conheço o inferno, mas acho que deve ser parecido com o ambiente dos hospitais psiquiátricos onde eles judiam da gente, entopem de medicamentos e não nos dão a menor atenção", constata.

O que Paulo mais gosta de fazer é nadar e lembra que, em certos domingos, eles fazem até churrasquinho à beira da piscina, mas vai logo avisando: "Às cinco da tarde a piscina fecha". Depois do almoço, Djalma e Paulo vão enrolar um cigarro de palha no fumódromo, porque a maioria fuma sem parar.

Manuela, a outra filha de Maione, é secretária na casa. Só voltou a morar com a mãe há três anos, quando passou a ajudá-la, quando falta uma enfermeira. "Além de atender telefone e receber as pessoas, cuido da parte administrativa." Criada, segundo ela, como princesa pelo pai, Manuela aprendeu não só a conviver com o irmão, como a dar valor a coisas menos fúteis e mais essenciais.

Para Maione, o futuro da assistência mental está em casas como a dela, onde os portadores de esquizofrenia podem ter um mínimo de alegria. Ela não quer que a casa cresça, pois não vai incluir psiquiatras em seu quadro de funcionários. Considera um bom psiquiatra aquele que tem afeto, cuidado, que se preocupa com o doente e "que olha no olho da gente, o que a maioria não faz".

Quem vê Djalma praticando esportes, bem medicado, com

uma cor saudável e sem surtar há seis meses, entende o que a mãe está dizendo. "A esquizofrenia não tem cura, mas Djalma hoje é alegre. Tem qualidade de vida e eu, finalmente, achei um lugar para o meu filho", diz.

MODELO O psiquiatra e psicanalista Francisco Goyatá considera o exemplo de Maione em busca de um tratamento digno para o filho esquizofrênico um modelo a ser seguido, pois "precisamos contar com a sociedade organizada, novas iniciativas e a responsabilidade de todos. Temos que aprender a trabalhar com pares e ímpares", diz.

Para ele, a abertura psiquiátrica ocorreu por um avanço das democracias em todo o mundo. E cita um dos psiquiatras do século 20, Hanri Ey, que considerou a doença mental como "a patologia da liberdade". Ao que o colega Jacques Lacan acrescentou: "A liberdade do homem tem seu limite na loucura e na morte". Por isso, a psiquiatria "é uma prática humana complexa, que deve ser visitada por diversos saberes e, todos têm que participar um pouco dessa loucura", que ele define como "uma contingência, aquilo que não está nos seus planos".

Defende a reforma psiquiátrica, que desobrigou o estado de ficar cuidando "dos empresários da loucura e dos loucos crônicos, que já tinham perdido todos os vínculos". Ele se lembra, por exemplo, de antigos hospitais psiquiátricos que não tratavam do sujeito e de sua singularidade, mas massificavam a loucura: "Trabalhei numa clínica psiquiátrica particular, já extinta, em que o médico carimbava mais de 50 fichas de pacientes com o mesmo "mmm" ou "manter o mesmo medicamento", sem ler o prontuário ou se importar com a complexidade da doença e do ser", explica Goyatá.

SAIBA MAIS

17 milhões

de brasileiros sofrem de transtorno mental grave

57%

dos brasileiros que necessitam de atendimento especializado em saúde mental, consideram difícil conseguir atendimento nos serviços públicos

7%

deles não conseguiram atendimento em 2006 e 2007

64%

dos doentes mentais usam a rede pública

33%

apenas são atendidos em até um mês e só 415 consideram o acesso fácil

10%

dos brasileiros se mostram insatisfeitos com o atendimento do SUS

Fonte: Pesquisa da Associação Brasileira de Psiquiatria, em parceria com o Ibope, feita no fim de 2007, com 2002 entrevistados em 142 cidades

LEIA MAIS SOBRE
ESQUIZOFRENIA
PÁGINA 6

MARIA TEREZA CORREIA/EM/D. A PRESS



A abertura psiquiátrica ocorreu por um avanço das democracias em todo o mundo

■ Francisco Goyatá,
psiquiatra e psicanalista

SPA
EDY MAFRA
Você Sempre Bem!
(31) 3689.0800
(31) 3227.0719
www.spaedymafra.com.br